

«Fenda»

Vasco Tavares dos Santos*

Cada coisa, cada pessoa é um poema que se
dirige ao Outro, figura desse Outro

Paul Celan

1.

[Agradeço o convite à Antena do Campo Freudiano na pessoa do professor José Martinho, meu editado que admiro, e que *sage* e generoso, outorgou um título a um dito futuro. Ao chamar-lhe «Fenda» (entre aspas) remete-se para o nome da minha editora].

Assim *Fenda* é, no sentido tipográfico, uma marca que existe na letra, para indicar ao compositor o sentido em que a deve voltar quanto a mete no componedor. É um corte, feito próximo do pé da letra e operado por uma parte saliente que está no molde onde ela se funde ¹. Num sentido político, *fenda*, surge do pensamento partilhado de Barthes ou Foucault, de que nem a cultura nem a sua destruição são eróticas mas apenas a *fenda* entre ambas se torna erótica. [Ou dito de outra forma: o da impossibilidade de um discurso totalmente exterior ao sistema]. Mas as aspas em «Fenda» querem, certamente, enviar-nos para um outro lugar, aquele em que se inscreve a psicanálise como estética do desejo inconsciente.

Do *livro ao divã* remete-nos para a questão nuclear da relação entre a teoria e a prática analíticas, aparentemente invertendo o título da obra clássica de Sacha Nacht «Da prática à teoria psicanalítica» e leva-nos também, colateralmente, para a questão da criatividade e da psicanálise, entendida aqui a criação como transformação do real em simbólico.

Dizemos a *teoria* mas existem hoje uma *pluralidade de teorias* psicanalíticas: kleiniana, hartmaniana, winicottiana, bioniana, lacaniana. E todas elas partem de Freud e são internamente coerentes em função da *dobra* que imprimem ao texto fundador.

* Editor da Fenda e Analista em Formação da Sociedade Portuguesa de Psicanálise
¹ in *Manual do Typographo* por Joaquim dos Anjos (Compositor), p.24

[Não pretendo, neste breve texto de partilha, discorrer de modo autoral ou professoral – nem professor eu sou – e não escrevi nenhum livro. O meu singelo vértice é o de velho editor e analista aprendiz].

2.

Os antigos não davam importância aos livros. Pitágoras não escreveu voluntariamente. Ele queria que o seu pensamento sobrevivesse à sua morte física na mente dos discípulos. Daí a expressão: *o mestre disse-o*.

Platão pretendeu corrigir a mudez dos livros inventando os diálogos e foi, também ele, um autor oral. Ainda e a propósito (Borges *oblige*): o testemunho mais notável é o de Sêneca. Nas suas *Cartas a Lucílio*² escreve de um indivíduo muito vaidoso de quem se diz que possuía uma biblioteca com cem volumes e quem – interroga-se Sêneca – poderá ter tempo e vida para ler cem volumes?

Se as coisas tivessem este futuro certamente que não teria sido editor.

Depois da galáxia Gutenberg valorizamos os livros e as bibliotecas, por enquanto.

E aquilo a que chamo livros são aqueles que, como escreveu sempre J.L.Borges, vão mais além do que a intenção do seu autor. Ou melhor ainda na célebre fórmula de Proust: «os belos livros estão escritos numa espécie de língua estrangeira»³.

3.

A fala (ou escrita) de um psicanalista, evocando Pontalis, situa-se no «entre-dois», isto é, na *fenda*: «entre os que alimentam o seu pensamento» – e mais do que autores são antes do mais os seus pacientes, como reiteradamente nos ensinou Winnicott, – «e o que pode emanar do seu fundo próprio; entre a teoria e o fantasma, entre o saber e a ignorância».

4.

Evoquemos W. Bion: «A prática da psicanálise é muito difícil. A teoria é simples. Se o analista tem boa memória poderá ler todos os livros e decorá-los com facilidade. Daí poderão dizer ‘que bom analista é tal pessoa; sabe todas as teorias’. Mas isto não equivale a ser um bom analista. Um bom analista está sempre a lidar com uma situação desconhecida, *imprevisível* e perigosa»⁴.

² Sêneca, in *Cartas a Lucílio*, Livro I, C. 1-12

³ *Contre Sainte-Beuve*, p.297

⁴ J-B. Pontalis in *Entre o Sonho e a Dor*, p.12

Parece intuitivo que o analista transforma o que o analisado julgava ser previsível (o sofrimento ou a sua persistência) identificando a causa (que o analisado desconhecia). Mas talvez aqui a palavra já não seja *previsibilidade* mas *inevitabilidade* e aí a questão adquire novos contornos.

Bion, porém, foi um dos autores que nos advertiu sobre a inaptidão que ameaça o ser humano cada vez que pretende pensar a vida e o próprio pensamento.

Ele diz-nos que pensamos os *objectos inanimados*, mas somos defrontados com dificuldades insondáveis quando pretendemos pensar a própria vida. Fundamental é, portanto, pensar a *experiência*, pois não há personalidade que não se alimente dela⁵.

Santo Agostinho, nas *Confissões*, escreve: «Não é de admirar que esteja longe de mim tudo o que não sou eu. Todavia o que há mais perto de mim do que eu mesmo?»⁶

Sublinhe-se, então, que não há conhecimento de si sem interpretação, isto é sem exercício hermenêutico.

Qualquer sentido interior é um sentido para um sentido.

A *interpretação e construção* são as duas coordenadas do método e do objecto psicanalítico.

Podemos ainda considerar que o desafio maior da interpretação é a inevitabilidade de ter de se interpretar a interpretação. E isto porque a fala e o próprio corpo que a exprime são já, provavelmente, uma forma primordial de interpretação.

Onde há interpretação não há apenas *logos*, mas também *mito*. «Se o mito parece, em primeiro lugar, possuir uma função imaginária, ele faz com que o homem relacione o mundo onde habita com outros mundos tentando, assim, dilatar o exercício da compreensão e do pensamento»⁷.

No entanto a psicanálise deve evitar a insistência na fundamentação hermenêutica romântica que se inscreve como fundo na leitura metapsicológica, para se colocar, como perspectiva Carlos Amaral Dias, no rigor hermenêutico de *compreender – interpretar – dessubjectivar – factualisar – transformar*⁸.

⁵ W.Bion, in *Revista IDE*, 14, 1987, p.5

⁶ W.R.Bion, *Learning from experience*, pp.6-8

⁷ Santo Agostinho, *Confissões*, X, p.16

⁸ José Manuel Heleno, in *A Experiência Sensível*, p,58

Sabemos, depois de Freud, que a interpretação é interpretação dos sonhos e o psiquismo é sonho. O que, entre muitas outras coisas abriu caminho à investigação científica da criatividade. [Podemos dizer que Freud democratizou a criatividade rompendo com a metafísica tradicional segundo a qual, desde Platão e Aristóteles, só Deus poderia criar, o homem apenas descobrir]⁹.

O sonho é um modelo paradigmático, é o modelo de base de toda a fundamentação da *Deutung*.

O psicanalista entra em contacto com o «estilo» psíquico original de uma pessoa durante o trabalho clínico e a constelação psíquica revela-se do mesmo modo que o sonho revela o sonhador. Porém o que constitui a originalidade do «estilo» psíquico de uma pessoa não é o complexo de Édipo, mas as elaborações desse complexo e a sua integração na personalidade¹⁰.

A prática clínica é um modulador fundamental. Não há psicanálise sem que haja pacientes. Sem pacientes não há, também, teoria; mas sem teoria não há pacientes¹¹.

Na clínica somos confrontados com a prova da realidade e é isto que nos separa dos religiosos ou dos filósofos. A clínica impõe-nos, constantemente, uma re-elaboração, uma revisão das ideias construídas. Um analista, então, está sempre em formação e re-orientação.

O psicanalista não é, pois, uma pessoa tranquila, ele tem nuclearmente, uma mentalidade de investigador, percorrendo a alma, palavra cara a Freud, e derrotando o confessional.

A prática da psicanálise, como técnica da veracidade, implica sabedoria, experiência e tempo. E esquecimento.

4.

Hegel no início da *Fenomenologia do Espírito* afirma: «O que é bem conhecido é mal conhecido, porque é bem conhecido». De facto o que nos é familiar, habitualmente, é o que conhecemos pior justamente porque essa familiaridade nos dispensa do aprofundamento.

Sob este signo, como poderemos reflectir sobre a função da teoria em psicanálise sendo ela a consequência – Pontalis chama-lhe um *desperdício* – daquilo que trabalha o psicanalista?

⁹ Carlos Amaral Dias, in *Modelos de Interpretação em Psicanálise*, p.41/44

¹⁰ Veja-se a este propósito a teorização de A.Barruzzi.

¹¹ Acompanho aqui o pensamento de Marisa P. Mélega in *Eugénio Montale*, p.116

Disciplina *trans-paradigmática* a psicanálise não é uma teoria causal mas sim semântica. A psicanálise não é um dos ramos das ciências da natureza.

Peter Fuller enfatiza que «a psicanálise pelo facto de ser uma disciplina que toma como seu objecto uma série de subjectividades particulares está sujeita a problemas epistemológicos particulares que não surgem em qualquer outra disciplina»¹².

De modo pouco original gostaria de convocar sobre esta matéria autores como Paul Ricoeur, J-B.Pontalis ou J. Derrida de quem me aproprio, penhorado, tal como o Pierre Menard borgiano autor de Quixote.

Freud, em termos metodológicos, ligou sempre a psicanálise a três termos: *método de investigação, técnica de tratamento, elaboração de um corpo de teoria*.

Porém a prática psicanalítica não é uma aplicação directa do conceptual já que se trabalha com o particular, o individual. Não existem duas análises iguais e, assim sendo, existe sempre uma distância, *uma fenda*, entre a teoria e a prática psicanalíticas, ainda que, como reitera Pontalis, «elas devam avançar paralelamente (...) já que uma teoria que não seja operatória é nula; e uma clínica empírica que não seja capaz de se enunciar perante um interlocutor não é psicanalítica»¹³.

Nesta perspectiva uma oposição entre «clínicos» e «teóricos» é inconsistente e o exemplo maior disso é o do próprio Freud entrelaçando permanentemente o seu discurso teórico e a sua praxis clínica.

Paul Ricoeur, numa leitura conexa, afirma que «a psicanálise é de uma ponta à outra, *praxis*, englobando a arte de interpretar e a teoria especulativa»¹⁴.

E se, por um lado, Pontalis afirma que os psicanalistas têm algo a dizer sobre a teoria no âmbito da sua actuação clínica, «têm algo a dizer sobre as funções que a teoria preenche para os seus pacientes e para si próprios»¹⁵; Ricoeur, por outro lado, enfatiza que toda a tentativa de assimilação da Psicanálise a uma ciência de observação e a uma técnica proveniente de uma ciência de observação «desconhece o essencial, isto é, que é no campo da fala que a experiência analítica se desenrola e que, no interior desse campo, aquilo

¹² Peter Fuller, in *Arte e Psicanálise*, p.27/31

¹³ Esta questão é desenvolvida entre muitos autores, por Simone Korff Sausse, in *Dialogue avec mon psychanalyste*, p.96

¹⁴ J-B.Pontalis, in *Entre o Sonho e a Dor*, p 138

¹⁵ P. Ricoeur, in *O Conflito das Interpretações*, p.176

que vem à luz é, como o diz Lacan, uma outra linguagem, dissociada da linguagem comum e que se oferece para decifrar através desses efeitos de sentido»¹⁶.

Depois das grandes máquinas freudianas, armas contra uma filosofia da consciência e da intencionalidade transparente - utilizando uma asserção de Derrida ¹⁷ - é necessário pensar outra vez a sua inscrição institucional (espaço secreto) e a sua difusão e ensino (espaço público), implicando tal trabalho uma outra heteronomia, para que não fiquemos colaboradores da sua esclerose. E isto porque depois de Freud e da sua apropriação reaparecem hoje em ação, como vê Pontalis, «os próprios mecanismos que a psicanálise trouxe à luz do dia: *resistência, recalçamento, deformação, deslocação, repetição*» ¹⁸.

5.

Estamos ao *lado* da verdade, da mesma forma que se está perto daquilo em que se acredita.

O devir *O* é para Bion chegar a *ser o que se é* ao alcançarmos conhecimento da própria realidade psíquica, o qual se consegue pela transformação *K!O*. Este devir *O* é consequência do *insight* e o crescimento mental é acompanhado pela dor da responsabilidade que comporta este *ser único na sua própria verdade*.

Por outras palavras: é preciso viver como se pensa, de contrário acabaremos por pensar como temos vivido.

O trabalho analítico é por fim, uma questão de *autenticidade* e não uma psicologização explicativa. Ser autêntico em Heidegger, diz-se da existência que assume plenamente a sua inarredável condição mortal, aceitando em decorrência a angústia que só poderia ser dissimulada através da banalidade quotidiana (a inautenticidade).

Faça-se, pois, uma leitura transferencial deste fragmento de *Invocação ao meu corpo* (1969) de Vergílio Ferreira, romancista maior:

«consciência que te acompanha no que vais sendo é o puro registo disso que vais sendo para o poderes ler, se quiseres, depois de já ter sido. Mas no instante de seres o que és, o que és é apenas, por uma decisão anterior ao decidires. O que és é-lo onde a tua realidade profunda em profundeza

¹⁶ J-B.Pontalis, in *Entre o Sonho e a Dor*, p 139

¹⁷ P. Ricoeur, in *O Conflito das Interpretações*, p.184/185

¹⁸ J. Derrida, in *De quoi demain/Dialogue*, p.281/283

obscura se realizou. O que és é-lo no absoluto de ti. A consciência testifica-nos apenas como o ser privilegiado que sabe o que é por aquilo que vai sendo e pode assim reconverter-se à posse iluminada disso que vai sendo. A consciência constata mas não interfere senão para se não ser mais o que se foi, ou mais rigorosamente, para se não querer ser o que se é - o que é ser-se ainda, embora de outra maneira.

Porque se neste instante me sobreponho, ao que sou, outra maneira de ser – a consciência que me altera o primeiro modo de ser é a paralela iluminação do modo de ser segundo. Decidi ainda antes de decidir, quando decidi não ser o que primeiramente decidira. Assim no torvelinho dos actos que me presentificam e da consciência desses actos, sempre o insondável de nós se abre para lá do que podemos sondar. Sempre a realidade de nós é a realidade original que nas origens se gera. «Sempre a autenticidade de nós está a uma distância infinita das razões que a justificam».

Tal como o escritor é sempre alguém que escreve para ser outra coisa, poderíamos afirmar que a psicanálise como operação técnica sobre as limitações da linguagem não é uma criação que vise a cura «mas um meio apenas, a escultura de um mundo possível, uma passagem de vida»²⁰.

6.

A psicanálise navega entre a metáfora e o conceito e, para Freud, a obra de arte é, antes de tudo, escrita do desejo.

Freud interessou-se muitíssimo pela literatura. Afirmou ele que o romancista procedeu sempre o homem de ciência e em particular o psicólogo científico.

Freud, creio, tornaria *objecto para um saber* o poema de Eugénio Montale – *A forma do mundo*²¹ – que diz admiravelmente o que eu queria ter dito. Admiravelmente mostrando que não é *tanto o que se diz* que faz o discurso, mas *como se diz*:

«Se o mundo tem a estrutura da linguagem
e a linguagem a forma da mente
a mente com os seus cheios e os seus vazios
é nada ou quase e não nos tranquiliza.

¹⁹ J-B.Pontalis, in *Entre o Sonho e a Dor*, p 141

²⁰ Sousa Dias, in *Questões de Estilo*, p.37

²¹ Eugénio Montale, in *Poesia*, tradução de José Manuel Vasconcelos

Assim falou Papirio. Estava já escuro
e chovia. Vamos para um sítio seguro
disse e apressou o passo sem se aperceber
que falava a linguagem do delírio».

Bibliografia

- Agostinho Santo, *Confissões*, IN-CM, Lisboa, 2004
- Anjos, J., *Manual do Typographo*, Biblioteca do Povo e das Escolas, Lisboa, 1886
- Bion, W. R., *Learning from Experience*, Maresfield Library, London, 1962-1991
- Derrida, J./Roudinesco, E., *De quoi demain/Dialogue*, Fayard, Galilée, Paris, 2001
- Dias, Carlos Amaral, *Modelos de Interpretação em Psicanálise*, Almedina, Coimbra, 2003
- Dias, S., *Questões de Estilo*, Pé de Página, Coimbra, 2004
- Ferreira, V., *Invocação ao Meu Corpo*, 3ª edição, Bertrand, Lisboa, 1994
- Freud, S., *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*, Vol. XV das Obras Completas, Imago, Rio de Janeiro, 1969/1983
- Fuller, P., *Arte e Psicanálise*, D. Quixote, Lisboa, 1983
- Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, Edições 70, Lisboa, 1978
- Heleno, J. M., *Identidade Pessoal*, Instituto Piaget, Lisboa, 2003
- *A Experiência Sensível*, Fim de Século, Lisboa, 2001
- Mélega, M. P., *Eugénio Montale*, Ateliê Editorial, S. Paulo, 2001
- Montale, E., *Poesia*, Assírio & Alvim, 2004
- Pontalis, J.-B., *Entre o Sonho e a Dor*, trad. Port., Fenda. Lisboa, 1999
- Proust, M., *Contre Sainte-beuve*, Gallimard Coll.Folia, Paris, 1971
- Ricoeur, P., *O Conflito das Interpretações*, Rês, Port, s/d
- Sausse, S. K., *Dialogue avec mon psychanalyste*, Hachete, Paris, 2001
- Sêneca, L. A., *Cartas a Lucílio*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991
- Winnicott, D., *Da Pediatria à Psicanálise*, Imago Rio de Janeiro, 2000